

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 8

Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINÂ OITAVA

Julio da Gama.

A vida é um subterrâneo, onde lê-se
inscrições..... e nada mais.

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS. pagina se-
gunda.

Ha nomes que se não esquece, ha glorias que brilham atravez do escoar dos tempos, estas e aquelles reflectem no coração dos povos lembrando-lhes um passado as vezes amargo, luctuoso e triste, e esses nomes e essas glorias immortalizados no infortunio perdurão e perdurão sempre commovendo e sempre arrancando dos labios das futuras gerações uma phrase de louvor ou admiração, é porque esses nomes pertencem a entes, fadados pelo destino, e que caminheiros na vida dormitão nos sepulchros quando devião brilhar por entre as luzes do seculo e quando suas virtudes serião os espelhos, onde mirarião-se os demais convivas da existencia, é porque essas glorias ganhas pelos labores, onde a intelligencia ampliou-se altaneira, como o adejo brilhante da aguia e modesta, como a acuçena dos valles, são outros tantos quadros d'um perpassar horrido e tenebroso nas bacchanaes do seculo, e quem sabe se não revelão o recato da virtude, quebrando os grilhões da materia, para esvoaçar em ares mais livres e mais puros?

Julio Gama é um nome, é uma gloria :

Um nome — que significa talento, e que traduz acerba agonia.

Uma gloria — que nos annuncia — a lucta contra os enganados do seculo, a luta do orphão contra os lascivos amplexos da sociedade e finalmente immortal épopeia de sua vida.

Julio da Gama sorriu-se para a tempestade, que abandonara-o só no deserto das afflicções, sorriu-se; porque sua alma gastava-se nas agonias moraes, que matão insensivelmente e que pouco a pouco destroem as rosas tremulas de nossas aspi-

rações, sorriu-se; porque já não tinha lagrimas — e, quando n'essas noites geladas, em que na solidão seu pensamento procurava seus progenitores — virão-no procurar nos olhos uma lagrima, que é a consolação dos afflictos, e essa mesma faltarlhe... é horriavel ver-se, na primavera da vida, desaparecer da terra nossos paes, lutar-se contra as intemperies dos tempos, arrostar-se braço a braço com o mundo, querer-se chorar e não poder... Todos os tormentos, todos os soffreres desaparecem ante tão triste sofrer — é um peregrino perdido em escura floresta não vendo — senão a morte e procurando ainda devisar nos troncos nodosos dos arvoredos um guia ou phanal.

JULIO DA GAMA era poeta.

O poeta tem coração — e o coração morre submerso ao calor dos infortunios ou ao gelido bafejo da miseria — poeta cantou e seu coração estallou como estallarão uma por uma todas as cordas de tão melodiosa lyra, poeta deixou nas laudas dos entes — genios e infelizes — sua biographia febril; poeta da tempera gigantêa d'esses cysnes alvos, que se espanejam nas margens dos rios, esvoaçou para melhores regiões; porque suas asas horrifavão-se no lodo da sociabilidade e porque seus cantos fenecião como fenecem as flores aos raios do sol.

O poeta é quasi sempre infeliz.

O auctor da *Divina Comedia*, sentado nos marcos das estradas, abraçado á eburneo plectro e tendo aos pés a espada e os louros immarcessiveis de *Campoldino*, — é mais brilhante do que esses potentados da terra calcando os direitos de humanidade e endosados ainda por vendidos entes; *Camões* deitado em uma esteira n'um hospital recorda-nos um passado de floridas reminiscencias, a ingratição dos povos e o heroismo do talento; nem o CANTOR DOS LUSIADAS nem DANTE serão esquecidos sel-o ha Julio da Gama?

Estamos certos que não; que porém importa ao mundo que não respeita os dictames mais sacros, que vomita imprecações contra os deveres que nos impõe a Moral, que Julio da Gama se suicidasse? é caso novo? porque não amaldiçoamos Chatterton; porque não execramos a memoria de Catão e tantos outros.

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

IV

O primeiro lance d'um miseravel

(Continuação do numero antecedente)

A imaginação do salteador reproduzia uma idéa de semelhança do Malstroom fervendo em seus redominhos continuos, as idéas invadirão-

lhe o cerebro em turbilhão e só apoz a meditação é que o galé de *Smolensk* vestio-se de official russo e enganou solemnemente ao homem mais perspicaz do seculo; enganou-o sim; porque, na batalha de Moscowa, elle foi apresentado ao imperador por Ney, como o flagello dos russos, e como um raio; durante a desastrosa campanha da Russia e nas duas campanhas da Allemanha, sua coragem e dedicação foi tão grande, que em Leipzig foi agraciado com a Legião de Honra e feito coronel. Quando o imperador partio para Elba, achou propicia a occasião e procurou pôr em execução o que concebêra; porém ainda d'esta vez teve que esperar; pouco depois os Bourbons fugirão, e o corso reapareceu para cair em Waterloo, esperou e tornou a esperar; porém apenas soube que Luiz XVIII havia nomeado, *duque de Niemen*, ao filho d'aquelle, que encontrára cadaver em Smolensk, apresentou-se em França e procurou o ministro da guerra, o general Clark (que o conhecera durante o imperio) e obteve d'este licença para habitar Pariz, reva-

Almas puras não podem e nem devem existir ao lado de almas corruptas.

Como, a escola historica da Allemanha, poderíamos dizer que o suicidio de Julio da Gama pertence ao fatalismo, como a escola historica de França inclinâmos a cabeça, e, reconhecendo o dedo da Providencia, não proferimos uma so palavra.

Se, a vida é um deserto sem luz, como disse um nosso poeta, se esse mundo convergendo-se para todos os pontos, se o lamento nos amargura, o pranto nos entristece, o riso insulta, a solidão nós é cruel; porque não se quebra o fio material e não vae-se até os pés do Eterno? e porque severos philosophos e severas theorias despedaçam-se nas provações da vida?

Larra escreveu muito contra o suicidio — e suicidou-se!

Tem-se visto doces sorrisos nos labios e tortuosos suspiros no coração: foi o que aconteceu com Larra; estigmatisou o suicidio para talvez agradar e quem sabe se, para não agradar, suicidou-se?

Catão d'Utica, antes de suicidar-se, lêu o *Dialogo de Platão sobre a immortalidade d'alma*.

JULIO DA GAMA não suspirou, não ouviu-se seus labios murmurarem um ai — era porque seus olhos e sua alma fitavam um alvo brilhante, volvião-se ao Eterno, e Este não pôde castigar os que soffrem; porque além de ser Justo é Misericordioso.

Voltaire debruçou-se, no seu leito de agonia, para remir-se de todos seus crimes.

Julio da Gama volveu-se ao Eterno puro; porque fôra a guarda da pureza que o tornara infeliz, e foi puro apesar da sophisteria de philosophos que se contradizem, que se batem e que porfim patenteão-se irrisorios.

Ouviu-se o écho funebre dos sertanejos, que choravão a morte de *Alvares de Azevedo*.

Ouviu-se os soluços da mãe do *Cantor das Primaveras*.

E hoje suspiramos pelo filho das brasilicas plagas, que repouza em terras estranhas.

Infeliz mancebo!!...

Orphão ao alvor da vida! Nem ao menos uma mão amiga t'apertou a dextra ou recebeu o teu ultimo adeos!

Infortunado poeta! Nem a lua do Brasil pôde ir reflectir em seu tumulto atravez das casuarinas!

Sua vida foi um peregrinar — no peregrinar vê-se as chagas

lidação do posto de coronel, da condecoração ganha em Leipsich, então escreveu, ao duque de Niemen, um bilhete para uma entrevista, á qual, como nós sabemos, elle não faltou, ahí o coronel Senthro (tal era o seu nome) contou que possuia uma carta, por meio da qual poderia negar a legitimidade do mancebo, e tornal-o plebêo e infeliz perante a sociedade; porem que, como em todas as cousas, elle não era nem tão barbaro para desejar a deshonra de brasões preclaros, porisso talvez concordassem em, na balança social, trocar essa carta por um equivalente.

Quem é mais miseravel..... será Senthro, que por um punhado de ouro consente que o crime frua o alheio ou o duque de Niemen, que se reconhecendo sua illegitimidade cuida destruir os documentos, que lhe poderiam derrocar?

O miseravel não é o larapio; porque é apenas o ente infeliz, não é o salteador ou aquelle que negocia com certos meios illicitos; o miseravel é o rico que compra a honra da virgem, a desgraça do plebêo e que de

do mundo e procura-se melhor vida; Julio da Gama tambem vio e tambem suicidou-se.

Hosannas ao poeta e nenias ao mancebo, ó bardos brasileiros!

O Brasil escreve em seus calendarios mais um nome-a morte conta mais um soldado e nós menos um poeta. . . .

Ouve-se ternos threnos que repercutem atravez das invias florestas d'America, os rios murmurão como fallando lingoagem divina, estalão-se as lapidas dos sepulchros, e os filhos gloriosos do Brasil saudão Julio da Gama com estes versos do poeta de Mantua.

In freta dum fluvii current, dum montibus umbræ
Lustrabunt convexa, polos dum sidera pascet,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Major,

O Cura

A. D. Augusta Teixeira Lopes

(Traduzido de Lamartine)

Fuja essa turba vagabunda, fuja
Que no seio d'amisade
Não goza doces laços;
Não ouça o meu canto lastimoso
Estólido profano vulgo
(Da minha ode.)

Ha um homem, em cada parochia, que não tem familia; mas que é da familia de todo o mundo, que chama-se como testemunha, como conselheiro ou como agente nos actos os mais solemnes da vida civil; sem o qual não se pode nascer, nem morrer, que toma o homem do seio de sua mãe e não o deixa senão na tumba, que abençoa ou consagra o berço, o thalamo conjugal, o leito de morte e o ataúde; um homem que os meninos se acostumão a amar, a venerar e a temer; que os desconhecidos mesmos chamão *meu pai*, aos pés do qual os Christãos vão derramar suas culpas as mais intimas, suas afflicções as mais secretas: um homem que é o consolador na situação de todas as miserias da alma e do corpo, o intermediario entre a riqueza e a indigencia, que vê o rico e o pobre baterem por seu turno á sua porta: o rico para deixar a esmola secreta, o pobre para recebê-la sem corar; que não pertencendo a nenhuma dignidade social, pertence igualmente a todas as classes: ás classes inferiores, pela vida pobre e muitas vezes pela humilhade de seu nascimento; ás classes elevadas pela educação, sciencia e elevação de sentimentos, que

repente vendo aberto o abysmo de sua perdição, soffoca-o com as vagas ondulatorias de ouro.

A sociedade tem miseraveis e esses não são esses seres infelizes, a quem as privações, os soffrimentos e as desgraças hão atirado no charco do vicio; porque elles forão dominados pelo jugo da fome, que nos declara uma guerra viva e ouzada; os miseraveis, porém, os miseraveis verdadeiros occultão-se sob as vestes da hypocrisia e do fingimento o mais infame, e se quizerdes encontrar não um, porém mil, percorrei minuciosamente as classes nobres, que encontrareis o alvo de vossas investigações.

(Continúa)

uma religião caritativa inspira e ordena; um homem enfim, que sabe tudo, que tem o direito de tudo dizer, do qual a palavra cabe, como por encanto, sobre as intelligencias e sobre as corações com a authoridade de uma missão divina e o imperio de uma fé poderosa! Este homem é o CURA.

Castorino Penedo de Faria,

Parte Poetica

Não sei mas sei.

A — M. de M. Carvalho.

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te preso e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,
Nem sei expor-te o anhellar do peito;
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,
Sei que aos teus rogos viverei sugeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,
Nem sei se a vida me será risonha;
Mas sei que embora do porvir descreia
Minh'alma é linda se contigo sonha.

Não sei se a brisa me trará perfumes,
Nem sei se a lua do meu céu não dista;
Mas sei que a aurora para mim desfronta
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flores no existir de infante,
Nem sei se ha fructos na estação de amores;
Mas sei que existem sobre um chão de espinhos
Meus cinco lustros de continuas dores.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,
Nem sei se ha prantos quando amor se gosa;
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,
Meu peito o lucto sem querer desposa.

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te preso e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Novembro de 1863.

L. FELIX.

Bem sei

Maria, meu amor, quando captivo
Se vive de uma imagem como a tua,
O mundo não tem dores, é festivo;
E a existencia de flôres não é nua!

O céu é todo azul, a mocidade
É linda porque pensa no porvir!
O coração palpita sem vaidade,
E a alma de feliz vive a sorrir!

Mancebo e poeta, no correr dos sonhos
Contemplando teu rosto eu me extasio!
Oh! os dias, Maria, são risonhos
Da brisa dos amores eu cicio!

Mancebo e poeta, dos teus olhos bellos
No brilho seductor eu me abrasei!
O perfume dos teus negros cabellos
Em sonhos vaporosos respirei!

Creio em ti, como, em Deus, o peregrino,
Ou o nauta que perto a morte vê!
No sorrir do teu labio purpurino
Minh'alma de cantor ditoso crê!...

Bem sei que a sorte vária
Te deu riqueza, e pobre
Fez este peito nobre
Que é teu, meu coração!
Bem sei que secundaria
É n'este infame abysmo
De enganos, de cynismo,
A minha posição!

Bem sei que embora séria
A minha paixão seja,
Oh! nunca o que deseja
Minh'alma gosará!
Bem sei que esta miseria
Em que nasci e vivo,
Teu rosto casto, divo
De mim affastará!

Bem sei que louco, vário
Eu fóra, se quizesse
Que tua mão me desse
Teu orgulhoso pae!
Bem sei que solitario
Eu devo n'este mundo
Viver, e amor profundo
Sentir, sem dizer — ai!...

Mas isso não importa! a juventude
É bella mesmo assim sem esperanza!...
Hei-de amar-te, Maria! pois bonança
Ha sempre na pobreza, se ha virtude!...

Hei-de amar-te, meu anjo; embora a sorte
Contra os nossos amores se conspire!
Sempre o mesmo serei, cante, ou delire
Minh'alma de cantor aos pés da morte!

F. N.

Aos Polacos

Valente povo de bravos,
Que livres e não escravos
Ante tyrannos ignavos
Juravão sempre de ser;

Eu te saúdo o heroísmo
Contra o féro despotismo,
O santo patriotismo
Que faz teu sangue verter!

Embora mil tyrannias
Mil tormentos e agonias,
Se exerceão todos os dias
De exterminio e rigor:
Defendendo a liberdade
Nunca poder algum hade
Encontrar felicidade
De quebrar o teu valor!

Qu'importa que na miseria,
Entre os gelos da Siberia,
Busquem cortar essa arteria
Do sangue teu a correr?
Pela patria escravizada,
Pelo tyranno esmagada,
Tens a vida já contada
Has-de sempre combater!

Soldados da nova crença,
Que importa essa indiferença
Com que a Europa inda pensa
Illudir tua esperança?!
Que importa a ti essa Europa,
Que importa do mundo a tropa,
Quando contigo se topa
O russo que avança?!...

Polacos! que importa a vida,
Quando se a tem opprimida,
Quasi de toda esvaída
Nos ferros da escravidão?!
De sangue um pouco, que importa
Quando a patria quasi morta
Se reanima e transporta
Como a lava de um volcão?!
É um polaco na luta,
Quer veterano ou recruta,
Um heróe que só escuta
Essa voz d'anciedade:
Essa voz que estremecida
Pelo tyranno opprimida
Diz ó filhos dae-me vida,
Nos braços da Liberdade!

Março de 1864.

Dias da Silva Junior.

A mulher.

Aquella que sorrindo nos engana
Se nos quer, um momento, a seus pés ver
Que no cobre de beijos mil—impuros
E de nós ludibria—é a mulher.

Creação de Satan, impia creatura
Chamma do inferno a projectar de dia
És tú a tentação da nossa vida
Que no sorriso nos dás—só agonia
Se por acaso nas dores nos surp'hendem
E se a morte por fim nos quer prender
Quem sorrindo augmenta mais as dores
Nos cravando o punhal—é a mulher
Ente creado ao sopro de Satan
Astro nublado a radiar no inferno
Tu és aquella que ás mundanas fallas
Dás n'um instante um valimento eterno
Se acaso nos lançamos ás orgias
Para o nosso proprio ser ir corromper
Quem nos impelle á embriaguez do vicio
E ao crime nos conduz—é a mulher
Bussola infida a nos guiar sem rumo
Que nos occulta da virtude o trilho
És tú—mulher—emanação Satanica
Astro do Averno de apparente brilho. . . .

A mulher.

(ANTHITHESE.)

Aquella que sorrindo nos affaga
Se chegámos a luz do mundo ver,
Que nos cobre de beijos e caricias
Que nos sorri primeiro—é a mulher.
Emanação de Deos—diva creatura
Raio de luz a projectar nas trevas
Es tú o nosso guia nesta vida
Que com sacras meiguices nos enlevas.
Se por acaso as dores nos surp'hendem
E se a morte por fim nos quer prender
Quem com risos desfaz nossos tormentos
E nos livra da morte é a mulher
Ente creado ao divinal bafejo
Astro fulgente a scintillar no céu
Tú és aquella que as mundanas fallas
Encobrir vens com teu virgineo vó
Se acaso nos lançamos ás orgias
Para o nosso proprio ser ir corromper
Quem nos vai affastar das bacchanaes
E ao templo nos conduz—é a mulher
Bussola santa a nos guiar na vida
Que nos ensina da virtude o trilho
Es tú, mulher, emanação de Deos
Astro celeste de perenne brilho!

Gualberto Peçanha.